

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO): REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA

Submetido em: 29/5/2025

Aceito em: 25/6/2025

Publicado em: 27/2/2026

Rodrigo Bastos Daude¹

José Paulo Pietrafesa²

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17277>

RESUMO

Este artigo reflete sobre a temática das relações que envolvem reprodução social e cultura camponesa a partir das atividades da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) considerando a trajetória de vida dos egressos. Historicamente os camponeses sobreviveram recriando seu sistema de produção, por vezes com poucas tecnologias e por vezes apoiados nas lutas de movimentos sociais e entidades de classe que tem contribuído para a ampliação do acesso e da permanência do campesinato. Nesse sentido, perguntamos em que medida a reprodução social dos egressos da EFAGO tem se efetivado, em seus dois aspectos, mundo do trabalho externo ao sistema de produção familiar, e no próprio sistema familiar? Metodologicamente o artigo consistiu num estudo bibliográfico qualitativo, de campo e uso de entrevistas para produção de

¹ Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia/GO, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3874-6620>

² Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia/GO, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7622-1032>

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

informações sobre a relação com os egressos da EFAGO. Nesse movimento contribuímos na reflexão político-pedagógica de uma educação do campo e incidir/colaborar para análise de políticas públicas educacionais para as Escolas do Campo. Por fim, a “reprodução social” é totalmente dependente da integração entre sistemas de produção alimentar da agricultura familiar e a possibilidade de jovens permanecerem nesta atividade após estudarem nas EFAS. Esse é o principal ponto de convergência para o trabalho dentro do sistema de produção familiar.

Palavras-chave: Educação do Campo, Pedagogia da alternância, EFAGO, Egressos e cultura camponesa, Reprodução social camponesa.

**AGRICULTURAL FAMILY SCHOOL (EFAGO):
SOCIAL REPRODUCTION AND PEASANT CULTURE**

ABSTRACT

This article reflects on the relationship between social reproduction and peasant culture, based on the activities of the Goiás Agricultural Family School (EFAGO), considering the life trajectories of its graduates. Historically, peasants have survived by recreating their production system, sometimes with limited technology and sometimes supported by the struggles of social movements and professional associations that have contributed to expanding access and permanence for the peasantry. In this sense, we ask to what extent has the social reproduction of EFAGO graduates been effective, in both its aspects: the world of work outside the family production system and within the family system itself? Methodologically, the article consisted of a qualitative bibliographic study, fieldwork, and interviews to gather information about the relationship with EFAGO graduates. In this movement, we contribute to the political-pedagogical reflection of rural education and influence/collaborate in the analysis of public educational policies for Rural Schools. Finally, "social reproduction" is entirely dependent on the integration of family farming food production systems and the

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

possibility of young people remaining in this activity after studying at EFAS. This is the main point of convergence for work within the family farming system.

Keywords: Rural Education, Pedagogy of Alternation, EFAGO, Graduates and Peasant Culture, Peasant Social Reproduction.

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a temática da reprodução social e cultura camponesa a partir das atividades de formação educativa da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO). Diretamente, referimo-nos reprodução social camponesa na medida que, após o processo de assentamento, têm que viabilizar a produção e a comercialização para garantir a sua reprodução em termos de renda e melhoria da qualidade de vida.

A opção por estudar esta unidade de ensino, a educação do campo e pedagogia da alternância (PA), levanta um debate quanto aos direitos do campesinato em receber educação de qualidade voltada às suas necessidades, respeitando a cultura e modos de vida local. A PA, enquanto modalidade educacional, pressupõe o fortalecimento dos vínculos entre a instituição e a família, em regime de alternância. Em algumas unidades escolares (dentre elas a EFAGO) o/a estudante passa 15 dias estudando teoria em sala de aula e a aplicando no espaço escolar, e nos outros 15 dias realiza a prática do que aprendeu na propriedade que reside (Queiroz, 1997).

O Projeto Político Pedagógico da Escola Família Agrícola de Goiás (2018) procura garantir alguns aspectos e particularidades da instituição em relação a outros centros de formação oficiais, tais como: uso da PA, ensino técnico interligado ao ensino médio e aulas de apicultura, bovinocultura, avicultura, irrigação e suinocultura.

Apesar da grande quantidade de assentamentos de reforma agrária e de camponeses tradicionais existentes no estado de Goiás, existem apenas três centros de formação que ofertam o ensino na modalidade de Escola Família Agrícola (EFAs), nomeadamente: Escola Família Agrícola Goiás (EFAGO), Escola Família Agrícola Orizona (EFAORI) e Escola Família Agrícola Uirapuru (EFAU).

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

Por isso, uma análise das condições de reprodução social desses atores sociais que compõem os egressos da EFAGO mostrou-se necessária para demonstrar a efetivação das propostas contidas nos documentos norteadores da instituição e os anseios do campesinato local. Diante de tais reflexões discutimos a seguinte questão: em que medida a reprodução social dos egressos da EFAGO tem se efetivado, em seus dois aspectos, mundo do trabalho externo ao sistema de produção familiar, e no próprio sistema familiar? O objetivo desse estudo, portanto, foi contribuir para o entendimento da atuação da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) na preparação profissional, produtiva e social dos jovens, inserida na Região do Vale do Rio Vermelho em Goiás, e perceber, prioritariamente onde estão inseridos os egressos, na perspectiva do mundo do trabalho.

Aspectos Metodológicos

Para esse movimento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de campo, com abordagem qualitativa e entrevistas gravadas visando estudar os egressos da Escola Família Agrícola de Goiás das turmas de 2010-2020. Do universo de 142 estudantes, (filhos de camponeses) formados em seu curso Técnico em Agropecuária (sendo este o universo dos atores sociais do estudo), 15 % deles, ou seja, 20 egressos participaram conosco da pesquisa.

Os pressupostos qualitativos são entendidos a partir de Ludke e Andre (2013) identificando-a como: fonte direta dos dados obtidos nos seus ambientes naturais; o fenômeno passa por um processo de descrição, e o pesquisador realiza análises das relações do processo, das contradições e possíveis sínteses que ocorrem no fenômeno estudado.

Realizamos um estudo bibliográfico, que, conforme Severino (2007) é um estudo decorrente de pesquisas já realizadas anteriormente por outros pesquisadores. Esse ponto de partida é importante para entendermos em que medida as outras pesquisas na área têm avançado na temática.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

Apontamentos iniciais convergem no estudo de Queiroz (1997) que dissertou sobre o processo de implantação da EFAGO e as contradições da Educação do Campo enquanto (Caldart, 2012); Costa (2007) apresentam um panorama quanto à incorporação dos saberes trazidos pelos alunos à realidade da sala de aula, o qual permitiu refletir sobre a PA.

Aproximando do objeto de pesquisa, Nascimento (2004) discutiu a EFAGO como espaço de resistência e recriação da cultura camponesa; Pietrafesa (2006) permitiu ver a Escola Família Agrícola de Goiás como um espaço de inovação educativa no meio rural e de impacto na vida cotidiana de agricultores familiares. Pietrafesa (2006) ainda buscou compreender o avanço na “qualidade de vida” dos jovens e seus familiares. Contudo nenhuma dessas pesquisas avançam no mapeamento quanto a inserção social e profissional dos egressos da EFAGO.

Num segundo momento as entrevistas³ com os egressos foram fundamentais para produzir tais informações. De forma geral, todos os elementos de aproximação dos sujeitos e de coleta de dados serviram como base para as entrevistas (Ludke; André, 2013). A forma mais adequada para as entrevistas foi o uso de questões a partir de temas gerais que balizaram o diálogo com os egressos e assim coletar dados para sistematizar e compreender os elementos característicos da inserção social e profissional.

Discussão Teórica

O direcionamento teórico perpassa a educação do campo, a constituição das Escola Família Agrícola (EFAs) em conjunto com a PA e a inserção social dos egressos da EFAGO. Os indivíduos inseridos nessa pesquisa têm sido alvo de conceituações teóricas para melhor entender seu contexto de luta. Por exemplo, o decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) em seu artigo 1º constituem e representam as populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os

³ Na apresentação dos resultados na pesquisa nomeamos E1, E2, ... como as falas dos sujeitos envolvidos.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados de reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos, bem como, todos aqueles que desenvolvem alguma atividade produtiva, com vistas a assegurar as suas condições de existência a partir do trabalho no meio rural.

A respeito dessas conceituações teóricas, referenciamos, assim como Marques (2008), ao conceito-síntese de camponês, em vez de categorias empíricas como trabalhadores rurais, assentados ou sem-terra. E na esteira histórica de sua origem, esse conceito político, expressa a unidade das lutas camponesas, no sentido de apreender as contradições e oposições das classes campesinato e latifundiário. Pessoa (1999) já tinha tratado este sujeito como camponês, aquele que lida, vive do que produz a terra, emprega predominantemente a mão de obra familiar e leva ao mercado o excedente de produção.

Ao fazer um recorte para os camponeses,⁴ dá-se ênfase aos sujeitos que foram invisibilizados quanto ao direito de ter moradia, comida e expressar sua cultura, tanto, que a definição de camponês, em Martins (1981), é exatamente a daquele que está em outro lugar, à margem, fora da sociedade. O importante é entender que existem “[...] uma cultura urbana, mas sobretudo há uma cultura da terra, da produção e do trabalho, do modo vida rural (Arroyo; Fernandes, 1999, p. 23). Até o momento, é possível apontar que a sociedade moderna subordinou o campo à cidade e conseqüentemente o modo de vida. O problema aparece quando o camponês é rotulado como fraco, atrasado e incapaz.

Existem vários estudos que se dedicam à questão do campesinato. Na maioria dos casos, procuram estabelecer uma tensão deste grupo social com as convergências do capitalismo, Martins (1981; 2000b), Carneiro, (1997), Abramovay (1998), Oliveira

⁴ Camponesas são aquelas famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos – suas necessidades imediatas de consumo e o encaminhamento de projetos que permitam cumprir adequadamente um ciclo de vida da família – mediante a produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação. Fonte: COSTA, F.A; CARVALHO, H.M. Campesinato. In: CALDART, Roseli Salete (Org. et al) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, RJ: Expressão Popular, 2012.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

(2006), Carvalho (2005), Almeida (2006) e Lima (2008) são exemplos dessa perspectiva. O primeiro autor já assumiu

[...] o campesinato brasileiro progressivamente insubmisso-primeiramente contra a dominação pessoal dos fazendeiros e “coronéis”; depois, contra a expropriação territorial por grandes proprietários, [...] também contra a exploração econômica que se concretiza na ação da empresa capitalista, [...] (Martins, 1981, p. 09)

E assim, marca esse grupo tendo como característica principal, a luta. Numa análise mais específica, Almeida (2006) compreendeu a resistência e recriação camponesa como fruto do próprio desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo no campo brasileiro que tem gerado êxodo rural.

Para Kuenzer; Oliveira (2016, p. 272)

Essas relações são determinadas pelo modo capitalista de produção; portanto, analisar as possibilidades de educação no campo implica percebê-las como parte integrante da totalidade constituída pelas relações sociais capitalistas em sua dinâmica de reprodução, tanto das condições materiais como das superestruturas que as mantém e, ao mesmo tempo, transformam.

Tais dinâmicas têm ampliado o êxodo do campo, e que segundo Caldart (2004), representou o abandono das políticas públicas dos governantes no sentido econômico, tornando a sobrevivência dos camponeses e de suas famílias difícil, gerando abandono das regiões para buscarem melhores condições de vida nas cidades. Nesse movimento, ocorre outro problema: a superlotação das capitais, criando crescimentos desordenados sem planejamento sustentável. Quando essa mudança não dá certo, o camponês não tem para onde voltar, já que vendeu sua propriedade e bens em busca de uma vida melhor na cidade.

Como uma classe que sofreu e sofre com o abandono governamental, os camponeses não tinham uma educação voltada às suas necessidades e diante da precarização da formação qualificada, um conjunto de organizações populares do campo, incluindo a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) a pautou dentre suas reivindicações, a educação do campo (Neto; Nascimento, 2016). Silva (2020) apontou que a mesma movimentação se observou em

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

outros atores sociais do campo, como foi o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), para além das ações de luta pela posse e uso da terra, também desenvolveram ações voltadas a fortalecer uma proposta de Educação do Campo.

Para Henrique (2007) um fator decisivo, em 1998⁵, foi criação da “Articulação Nacional por uma Educação do Campo”, entidade supra-organizacional que passou a promover e gerir as ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo em nível nacional. Dentre as conquistas alcançadas por essa Articulação estão a realização de duas Conferências Nacionais por uma Educação Básica do Campo - em 1998 e 2004.

Para Caldart (2012, p. 259)

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998.

A realização da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo⁶, em 1998, estruturou uma discussão sobre as condições das comunidades camponesas terem acesso a uma educação de qualidade, e que deveria ser repensada, de modo a atender as necessidades locais conservando conhecimentos e culturas locais. A partir desse momento, foi criada a educação do campo, mas consolidando-se somente em 2004, por meio da Resolução CNE/CEB 01, a qual buscou suprir as necessidades e preservar a cultura camponesa. Com base nesse contexto, Freitas (2024) aponta uma denúncia a ausência histórica e a negação do direito à educação aos sujeitos do campo, bem como a expulsão das juventudes de seu lugar de vida e trabalho.

Esse contexto desigual, imposto pelo capitalismo, ao mesmo tempo que dificulta os processos de acesso às melhores condições de vida, também fomenta movimentos sociais por causa do acesso à escola.

⁵ A tentativa desse recorte temporal para tratar da educação no campo não exclui ou deixa de valorizar todo contexto de luta dos camponeses desde início do século XX. A escolha dessa data é apenas um parâmetro contextual pós criação da EFAGO.

⁶ A luta pela educação no campo é anterior a essa data; ela vem a partir de lutas dos camponeses desde a década de 1930.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

EFAS e a pedagogia da alternância

A gênese das propostas que culminaram no que hoje conceituamos como Escola Família Agrícola (EFAs) e a modalidade de ensino a partir da PA, remonta às lutas de camponeses europeus no início do século XX. Queiroz (1997) afirma que as EFAS surgiram na França em 1935 e se espalhou para outros países da Europa como Espanha, Itália e Portugal.

A partir de lutas sociais de camponeses e com auxílio da igreja católica, no dia 26 de novembro de 1935, nasceu, na França, a experiência dos Centros de Formação por Alternância⁷ para atender a demandas e necessidades da população rural quanto às suas reivindicações de ensino escolar. Visto a dificuldade dos camponeses de permanecer no campo pelo desafio de sobrevivência material a PA tem sido usada nas EFAS para amenizar essa lacuna na educação, aproximando teoria e a prática. (Nawroski, 2010).

A proposta de ensino das EFAs por meio da pedagogia alternância tem por objetivo atender a infância e juventude do campo, principalmente das famílias de pequenos agricultores, que precisam da mão de obra de seus filhos para sobreviver. Com a PA, os estudantes ficam durante quinze dias internos na EFA e outros quinze na roça com seus familiares. Temos acordo com Mezalira (2023) o qual sinalizou que o processo de alternância é fundamental para a troca de saberes, experiências e conhecimentos, de modo que, o diálogo e a problematização sejam estabelecidos em suas práticas, nos currículos, sinalizando novos horizontes.

O destaque dado por Costa (2007) é que a PA se constituiu numa forma de ensino embasado em um método científico que levava em conta a vida do aluno, estimulando a reflexão e o questionamento quanto a sua experiência de vida nas respectivas comunidades em que residiam. Em tese, levavam para casa os conhecimentos adquiridos e traziam para a escola as dúvidas e alternativas encontradas no sistema de produção familiar. Destacava-se que essa era uma das potencialidades da PA, “[...] proporcionar aos jovens do meio rural uma possibilidade de educação a partir

⁷ Em 1997, daria origem a Maison Familiale Rurale ou Casa Familiar Rural (CFR), ou Escola Família Agrícola (Nascimento, 2005).

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

da sua realidade, da sua vivência familiar e comunitária e das atividades. Isto é feito procurando desencadear junto aos jovens um processo de reflexão e ação que possa transformar essa mesma realidade” (Queiroz, 1997, p. 63). No mesmo sentido, Pietrafesa (2006) acrescentou que um dos objetivos das Escolas em Pedagogia da Alternância era justamente, realizar uma maior integração entre a juventude rural, o sistema produtivo, sua reprodução social e a manutenção das relações familiares.

As EFAs foram adotadas no Brasil com o intuito de sanar a defasagem sofrida pelo ensino no campo, já que eram escassas as escolas para as populações que vivem no meio rural. Esses centros levam ao jovem do campo educação voltada para sua realidade, Carmo (2020) e Queiroz (1997) destacam alguns instrumentos específicos do plano de formação da EFA:

Na Pedagogia da Alternância, o centro do processo ensino aprendizagem é o aluno e a sua realidade, e na busca de articular os períodos de formação no meio familiar e no meio escolar, a Pedagogia da Alternância utiliza determinados instrumentos pedagógicos: o Plano de Estudo (PE), a Folha de Observação, a Colocação em Comum, o Caderno da Realidade (CR), as Fichas Pedagógicas, as Visitas de Estudo, as Colaborações Externas, as Visitas às famílias, o Estágio Profissional, e o Projeto Pessoal (Queiroz, 1997, p. 65).

No Brasil, a EFA teve seu início em 1968 no estado do Espírito Santo a partir da iniciativa do padre italiano Humberto Pietrogrande (Costa 2007). As EFAs foram implantadas neste estado para disponibilizar aos filhos dos camponeses da região a possibilidade de obterem uma modalidade de ensino fundamentado no respeito à sua cultura e modo de vida, possibilitando uma formação sem ter que deixar o meio rural.

Refletindo a experiência da EFA na Itália, o Padre Pietrogrande, junto a um grupo de camponeses, lideranças religiosas e políticas cria o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), que além de evidenciar as mazelas na educação rural tradicional, buscava apresentar alternativas pedagógicas a esta população (Queiroz, 1997).

Assim, através da fundação do MEPES, aos 25 de abril de 1968 surge a primeira experiência de PA no Brasil com o nome de Escola Família Agrícola (EFA)

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

(Nascimento 2004). Como afirmou Queiroz (1997) e MEPES (2013), o MEPES iniciou com a Escola Família Agrícola de Olivânia e logo expandiu para todo o Estado, contribuindo na expansão com outros estados da federação. Até o ano de 2013 o MEPES contava com 18 Escolas Família Agrícolas.

Após as experiências bem-sucedidas na criação das EFAs no estado do Espírito Santo, dezenas de outras escolas foram criadas no Brasil, destacadamente nos estados de Minas Gerais e Bahia. As experiências com PA e as EFAs, em particular no estado de Goiás, podem ser identificadas em três unidades, respectivamente nos municípios de Goiás, Orizona e Uirapuru. Cada uma delas tem uma realidade de lutas para que fosse possível sua fundação. As escolas tiveram sua criação e funcionamento em anos distintos, contando com uma quantidade de alunos e variação entre ensino fundamental, segunda fase e ensino médio⁸.

Vinte e seis anos após as primeiras EFAS serem criadas no estado do Espírito Santo, a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) foi fundada em 1994, com o auxílio do monge Beneditino Felipe Leddet, do Mosteiro da Anunciação, juntamente com a associação de pais e estudantes. Pietrafesa (2006) em seu estudo identificou uma rede maior de instituições que colaboraram para criar a EFAGO como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Associações de Agricultores Familiares e Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Queiroz (1997) deixou claro que sua implantação foi no confronto com o capital e latifúndio, a partir da luta pela reforma agrária, e a criação de vários Projetos de Assentamentos (PA), além da questão de consolidação de políticas públicas de educação para o fortalecimento, sobrevivência e viabilização da agricultura familiar camponesa.

Seguindo a análise de Queiroz (1997), os camponeses, agricultores, assentados de reforma agrária que conquistaram suas terras, agora faltava algo, uma escola para formação geral e formação técnica de seus filhos e filhas⁹.

⁸ Atualmente as três EFAS oferecem o ensino médio integrado ao técnico em agropecuária. Mas até 2007 a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) oferecia o Ensino Fundamental II.

⁹ Outro problema apontado pelos camponeses, com relação à educação oferecida ao trabalhador rural, dizia respeito ao tempo de permanência na escola, pois, enquanto a criança da cidade permanecia entre quatro e sete anos, a criança rural ficava no máximo de três a quatro anos. Também, embora já bastante

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

Para Carmo (2020), o período de 1989 (época da visita de professores, lideranças e pais ao Espírito Santo para fazer cursos) até 1992 (ano de fundação da Associação de Pais e Alunos da EFA de Goiás) foi o tempo de conscientização dos Assentamentos e Comunidades Rurais para a importância do projeto da EFA de Goiás.

A EFAGO foi a primeira EFA a ser fundada no estado de Goiás e está situada no espaço rural do município de Goiás, num local denominado Sítio Paciência, Arraial do Ferreiro, distante cerca de 4,6 km da cidade de Goiás e a 145 km da capital Goiânia em um terreno de 7,2 hectares. E uma segunda área com 3,5 hectares no Projeto de Assentamento Serra Dourada, Arraial do Ferreiro.

Para Nascimento (2004), a EFAGO constituiu-se como sendo uma experiência alternativa de educação para os filhos/as de camponeses/as na região de Goiás ao apresentar concepções e práticas educativas, a partir da PA, que deveriam resistir a uma proposta de educação, bancária, sem vínculos com a cultura camponesa e hegemônica, numa perspectiva de “ruralismo pedagógico”, voltado a apenas alfabetizar as crianças e jovens residentes nos espaços rurais.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) (EFAGO, 2018), existe uma clara identificação de que é uma instituição com aspectos e particularidades em relação a outros centros de formação, o qual em grande medida se posiciona como uma alternativa para os filhos/as dos camponeses continuarem no campo. A EFAGO qualifica-se com uma prática educativa de resistência pelas características de sua criação e manutenção, a partir dos interesses dos próprios camponeses. Ainda segundo o PPP (EFAGO, 2018), a entidade responsável por manter a escola é a Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás, desde a alimentação, limpeza e o trato dos animais. A contrapartida do Estado se dá na contratação e pagamento dos docentes, melhoria no prédio e materiais pedagógicos específicos para a instituição.

Para ajudar na alimentação, alunos e funcionários realizam aulas práticas no espaço da escola destinado para criação de animais como: suínos, aves, gado, abelhas e

discutido, a relação do ano civil como determinante do ano letivo era outro fator de exclusão da criança da escola, dado que nos períodos de plantio e de colheita os pais não poderiam abrir mão do trabalho delas. (Neto, 2016)

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

plantio de hortaliças e o excedente é vendido na feira de pequenos agricultores da cidade de Goiás. O dinheiro arrecadado é direcionado para gastos da própria instituição.

A partir dessas reflexões, identificando um breve histórico da criação da EFAGO, avançamos para a percepção sobre a realidade dos jovens egressos da EFAGO, e quais suas relações com o sistema de produção de suas famílias. Uma vez que esta foi a questão motivadora para este estudo. Para tanto, identificamos um conjunto de análise e de informações sobre a temática Educação do campo, Escola Família Agrícola e o contexto dos egressos, citamos algumas delas, apenas como exemplo e, que foram analisadas no desenvolvimento da pesquisa: Pietrafesa (2006), Queiroz; Silva (2008), Begnami (2010), Floro (2012), Santos, Sousa, Andrade (2015), Pozzebon (2015), Trindade (2016), Brito; Molina (2016), Santos; Costa (2017), Ribeiro (2017), Souza (2019), e Freitas (2024).

Tais trabalhos convergem para o estudo dos egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do campo nas Universidades e Institutos Federais, como também para uma análise da inserção profissional e atuação em movimentos sociais de jovens do campo egressos das Escolas Família Agrícola, assim como das Casas Familiar Rural. Importante deixar claro que, assim como Souza (2019), o trabalho da EFA está voltado para a formação humana integrada política e profissional de uma parcela de jovens que desenvolvem atividades rurais, para que esses ocupem os espaços sociais nos quais possam construir suas pautas e reivindicações buscando a estruturação de uma sociedade justa, humana e digna.

Resultados e Discussões

Reprodução Social camponesa: a EFAGO em estudo e a vivência de seus egressos

Conceitualmente, adotamos a definição de “egresso” usada por Lousada e Martins (2005, p. 74) que segundo eles é todo “[...] aquele que efetivamente concluiu os estudos, recebeu o diploma e está apto a ingressar no mercado de trabalho”. Tendo em vista estes sujeitos, o estudo com e sobre os egressos é um fator de destaque para o conhecimento sobre a relação escola e sociedade.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

A partir da definição de “egresso” e como orientação geral de pesquisa, discutiu-se em que medida a reprodução social deles, oriundos da EFAGO tem se efetivado, em seus dois aspectos, mundo do trabalho externo ao sistema de produção familiar, e no próprio sistema familiar.

Identificamos que a EFAGO, como unidade de ensino tem condições de contribuir nesse processo. É nesse sentido que se entende que

[...] a reprodução social está vinculada à elevação da renda familiar, a atividades não agrícolas, à inserção no mercado e ao acesso às tecnologias, como está, sobretudo, permeada por desejos de “melhorar a vida”, fixando, por exemplo, os jovens (filhos) no meio rural. Estas duas dimensões (reprodução social e qualidade de vida) estão intrinsecamente ligadas (Pietrafesa, 2006, p. 17).

Certos de que essas duas dimensões estão em larga medida ameaçada pela ausência de políticas públicas que privilegiam os interesses dos camponeses. Tal cenário exige um olhar à educação que atenda às suas peculiaridades, não sendo restrito ao ensino escolar formal, mas a utilização do convívio cultural e o ambiente social dos alunos como auxílio no ensino. De modo que os jovens filhos de camponeses tenham a oportunidade de aprender técnicas que possam ajudá-los em suas tarefas diárias e consequente manutenção no campo.

Souza (2019) já havia apontado alguns desafios nos caminhos para a efetivação da reprodução social camponesa, pelo fato da escola estar inserida na sociedade, que por sua vez, está submetida a um modo de produção e suas relações sociais, não pode, sozinha, transformar a realidade. Cabe avançar para o entendimento da prática político pedagógica enquanto promotora de uma formação que fomente melhores condições de vida para as pessoas, se associada a outros fatores, como a organização social, políticas públicas, condições favoráveis para geração de renda, trabalho, produção, saúde, lazer.

Por isso a importância de refletir como os egressos identificaram as contribuições da EFAGO na formação dos jovens agricultores familiares, com tradição camponesa. Concretamente aponta-se positivamente a atuação da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) na preparação profissional, produtiva e social dos jovens, inserida na Região do Vale do Rio Vermelho em Goiás.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

A permanência dos jovens em atividade nos espaços rurais depende diretamente das condições a que estão submetidos. Nesse sentido estamos certos de que as EFAs propiciam uma formação que valoriza e busca de alternativas e de intervenções na realidade desses atores sociais, seja no nível pessoal, seja no comunitário (Queiroz; Silva, 2007). Com o mesmo entendimento de Freitas (2019), detectamos a potencialidade da formação nas EFAs, através da PA, como forma adequada aos jovens do campo no acesso à Educação Básica no/do campo, mantendo o vínculo com a terra, a comunidade e a família. É sabido que esse processo de formação tem contribuído para a permanência dos jovens no campo e ao investigar os jovens egressos da EFAGO percebemos melhorias em suas realidades de vida.

Uma das percepções listadas por Floro (2012) a respeito dos egressos no Instituto Federal do Ceará foram percebidas na EFAGO. Avaliamos que a agricultura familiar camponesa é a melhor opção para consolidação da reprodução camponesa e quanto aos egressos da EFAGO esse tem sido o destino. Isso pode ser visualizado quando 14 camponeses investigados, (o que equivale a 70%), voltaram à propriedade rural de origem depois da formação na EFAGO. Do total de respondentes, 5% correspondentes a 1 egresso, está empregado em empresa de grande porte no meio rural, o que nos leva a entender que as possibilidades de emprego nas empresas rurais de grande porte são raríssimas para os egressos EFAGO, e as oportunidades efetivas de trabalho estão para o modelo de agricultura familiar.

Esses egressos camponeses, atuam na lida do campo, da sua própria família ou como empregado em outra propriedade na perspectiva do modelo tradicional do manejo do solo e utilização das terras a partir das orientações dos “donos” da propriedade. O entrevistado E3 justificou “trabalhar para outros” do seguinte modo: “[...] nosso sítio é pequeno, daí sobra tempo para ganhar um dinheiro a mais”. Os jovens camponeses egressos da EFAGO avaliam que em face do modelo de alternância, de internato, o trabalho coletivo avançou vida a fora e contribuiu para consolidação da agricultura familiar junto a pais, irmãos e vizinhos.

Queiroz e Silva (2007) já tinham avaliado que o processo formativo contribui para identidade rural, de pertencimento promovendo reflexos para significativa

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

participação destes jovens em organizações comunitárias, movimentos sociais, e entidades representativas dos agricultores familiares. Tais representações, aos olhares de Souza (2019) e Freitas (2024) provocam neles um interesse em viver e trabalhar no campo, ainda que, futuramente, nem todos consigam. Mas a partir da formação na EFA, a experientiação das práticas, as reflexões nos círculos de debates no âmbito das mediações didáticas da PA se traduzem numa melhor inserção na vida profissional, acadêmica e social dos egressos da EFAGO.

Em nossa pesquisa observamos a experiência de jovens camponeses e camponesas que voltaram para a propriedade familiar e fazem parte das organizações comunitárias presentes nos municípios, fornecem alimentos do ponto de vista a agricultura familiar e almejam ascender academicamente em cursos de graduação como agronomia, zootecnia entre outros. O entrevistado E3 afirmou [...] quero estudar mais, fazer faculdade e aplicar tudo no sítio [...]. Do total de respondentes, 30% (o que corresponde a 6 camponeses) continuaram seus estudos em graduação ou cursos técnicos da área e 16 respondentes, (o que totaliza 80%) alegam querer estudar mais.

Na perspectiva dos egressos quanto ao seu processo formativo, os participantes afirmam em suas respostas que o ensino ofertado na instituição tem agregado bastante ao seu conhecimento. Assim como Gaia, Silva e Pires (2017), Souza (2019) e Freitas (2024) pontuaram que os conhecimentos adquiridos na escola são desenvolvidos na propriedade da família e/ou das comunidades vizinhas, ampliando a possibilidade de desenvolvimento desses espaços rurais (o que a PA identifica como “desenvolvimento do meio”), e essa ligação entre casa e escola ajuda o jovem a se interessar pela formação acadêmica.

Ilustramos que todos os respondentes envolvidos na pesquisa decidiram estudar na EFAGO por ser do campo e querer permanecer no campo, e pelas possibilidades que a PA oferece, seja em termos da relação teoria e prática, mas também como tempo que podem passar trabalhando com a família e ajudando a provê-la.

Sobre isso, um dos entrevistados (E2) afirmou que optou pela EFAGO pois queria “[...]permanecer na escola; continuar morando no campo durante o Ensino Médio; evitar ter de sair para o corte de cana ou outros centros urbanos à época”

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

Além disso, tem-se o entendimento de que os alunos entendem a proposta da EFAGO e PA e estão supridos/satisfeitos com o aprendizado adquirido.

A partir do conjunto das informações e dados obtidos junto aos egressos das EFAGO, podemos afirmar que, de uma maneira geral, a reprodução social é dependente da integração entre escola e agricultura familiar e a PA tem sido o elo pedagógico para tal efetivação. Certos disso, a EFAGO tem sido a alternativa concreta para os jovens da Região do Vale do Rio Vermelho se prepararem profissionalmente e socialmente. Esse é o principal ponto de convergência para o trabalho externo ao sistema de produção familiar, e no próprio sistema familiar.

Considerações

Em síntese, no desenvolvimento desta pesquisa e produção do texto, foi possível perceber em nossas análises que a EFAGO ofertando o curso técnico em agropecuária até o ano de 2019, por meio da PA potencializou o fortalecimento dos vínculos entre a instituição e seu programa de ensino com as famílias camponesas atendendo parte significativa de demandas em seus sistemas de produção e na reprodução social familiar. Este processo se consolidou mediatizado pelo modelo de educação em alternância. Pedagogicamente, constitui-se numa rica experiência, com avanços e desafios, não só de interação com as comunidades locais, mas de construção de uma escola a partir das demandas, experiências e desafios das comunidades.

Como um movimento em construção, as EFAs encontram-se carregadas de experiências positivas, mas também de problemas, dificuldades e desafios, principalmente em questões de sistema tradicional de produção familiar que envolve a cultura camponesa e as potencialidades ofertadas pelo conhecimento de novas técnicas de produção nestas áreas. Um dos desafios, portanto, está visibilizado na contradição entre conhecimento empírico dos pais e conhecimento adquirido pelos filhos e filhas nas EFAs.

Em larga medida, a reprodução social dos egressos da EFAGO tem se efetivado, em seus dois aspectos, no mundo do trabalho externo ao sistema de produção familiar, e

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

no próprio sistema familiar. Além disso, se percebeu, através da literatura, a existência de uma formação integral dos filhos e filhas dos camponeses a partir de suas matrículas escolares nas EFA e a mediação da PA, os quais oportuniza a inserção dos jovens camponeses em atividades diversas e complexas, no sistema de produção familiar, em estudos posteriores.

Outro ganho social relevante no processo educativo é o fato de que a existência desta modalidade de educação estar vinculada à coordenação do sistema como um todo feito por dirigentes dos Movimentos Sociais. A funcionalidade e a responsabilidade na manutenção das escolas recai sobre atuação destes atores coletivos nos municípios em que as escolas existem. Podemos assim dizer que redefine a falsa concepção de que as EFAS formam unicamente para permanência no meio rural na propriedade familiar.

A partir dessas premissas contribuimos fortemente para o entendimento da atuação da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) na preparação profissional, produtiva e social dos jovens, inserida na Região do Vale do Rio Vermelho em Goiás, e onde estão inseridos na perspectiva do mundo do trabalho. A EFAGO constitui elemento indispensável para a formação de sujeitos voltados para o mundo rural, inseridos numa lógica de trabalho da agricultura familiar e da pequena propriedade rural, mas com sólida atuação política e consciência de seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. 2. ed. Campinas: Hucitec/Anpocs/Ed. Unicamp, 1998.
- ALMEIDA, R. A. *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção*. São Paulo: Unesp, 2006.
- ARROYO, M. G. FERNANDES, B. M. *A Educação Básica e o movimento social do campo*. Brasília, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo.
- BEGNAMI, M. J. F. *Inserção Socioprofissional de jovens do campo: desafios e possibilidades de egressos da Escola Família Agrícola Bontempo*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. *Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária – PRONERA*. Brasília: Casa Civil, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/decreto/d7352.htm Acesso em 20 de dezembro de 2023.

BRITO, M. M. B; MOLINA, M. C. *Estudo com Egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UNB no contexto da expansão da educação superior*, Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS/BR, Universidade Estadual de Maringá – 18 a 20 de Maio de 2016.

CALDART, R. S. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo. *Trabalho necessário*. Ano 2, número 2, 2004. p. 1-16. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/3644>. Acesso em: 27 novembro 2019.

CALDART, R. S. *Educação do Campo*. In: CALDART, R. S. (Org. et al) *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, RJ: Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. (Org. et al) *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, RJ: Expressão Popular, 2012.

CARNEIRO, M. J. *Ruralidades: novas identidades em Construção*. Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural, Natal, agosto, 1997.

CARMO, R. C. G. S. *As Escolas Famílias Agrícolas como instrumentos de formação social e ambiental: o caso da Escola Família Agrícola de Orizona (EFAORI), Orizona, Goiás*. Dissertação (mestrado) Centro Universitário de Anápolis-UNIEVANGÉLICA, Anápolis, 2020.

CARVALHO, H. M. *O Campesinato do Século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

COSTA, C. L. *Trabalho e educação: a experiência da Escola Família Agrícola na Cidade de Goiás (GO)*. X EREGEIO SIMPOSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. Catalão, 2007.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE GOIÁS. *Projeto Político Pedagógico da instituição*. Goiás, 2018. Normas orientadoras da instituição.

FLORO, E. F. *Trabalho, qualificação e precariedade: perspectivas profissionais de egressos do curso técnico em Agropecuária do Campus Crato do Instituto Federal do Ceará*. Dissertação (mestrado). Seropédica, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 181 f.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

FREITAS, G. V. “*O Campo, para mim, me define quem eu sou*”: *Escolas Famílias Agrícolas e suas contribuições para a vida de jovens do campo no Médio Jequitinhonha-MG*. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2024. 419f

FONSECA, A. M. *Contribuições da Pedagogia da Alternância para o desenvolvimento Sustentável: Trajetórias dos Egressos de uma Escola Família Agrícola*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. 2008.

GAIA, C. A; SILVA, M. G. M; PIRES, L. S. Ensino de matemática na educação do campo a partir de narrativas *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, vol. 10, núm. 1, 2017 Universidad de Nariño. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2740/274048277005/274048277005.pdf> Acesso em: 10 dezembro 2019.

HENRIQUE, R. (Org et al): *Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas*. Cadernos SECAD. Ministério da Educação (MEC), Brasília, 2007.

LIMA, A. É. F. *Tocando em frente... Cultura camponesa e apropriação dos recursos em Ingá/Facundo, Parambu-Ceará*. Dissertação. 2008. (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LOUSADA, A. C. Z; MARTINS, G. de A. *Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de ciências contábeis*. *Revista Contabilidade Financeira – USP*, São Paulo, n. 37, p73- 84, jan/abr. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34151/36883>. Acesso em out 2022.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2013.

KUENZER, A. Z; OLIVEIRA, M. A. Trabalho e educação no campo: novos desafios. In: BASSO, J. D. SANTOS NETO, J. L. BEZERRA, M. C. S. (ORG) *Pedagogia Histórico-Crítica e Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais*. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016.

MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. *Revista NERA*. Ano 11, n. 12, p. 57-67. Janeiro/junho de 2008.

MARTINS, J. S. *Os Camponeses e a Política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, J. S. *Reforma Agrária: O impossível diálogo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MEZALIRA, Sandra Mara. *Da situação-limite agrotóxicos ao inédito-viável expresso pela agroecologia : compreensões e práticas de professores e estudantes de escolas do*

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

campo. Ano 2023. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/270409/001193668.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 20 de julho de 2025.

NASCIMENTO, C. G. *A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da escola família agrícola de Goiás-EFAGO*. Dissertação (mestrado), 2004. Mestrado em Educação: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

NAWROSKI, A. *Aproximações entre a escola nova e a pedagogia da alternância*. Ano 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94255>. Acesso em: 27 setembro 2019.

NETO, J. L.S; NASCIMENTO, M. N. M. A Relação entre Trabalho e Educação no Campo. In: BASSO, J. D; SANTOS NETO, J. L; BEZERRA, M. C. S. (ORG) *Pedagogia Histórico-Crítica e Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais*. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016.

OLIVEIRA, A. U. Prefácio. In: PAULINO, E. T. *Por uma Geografia dos camponeses*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PESSOA, J. M. *A Revanche Camponesa*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1999.

PIETRAFESA, J. P. Escola Família Agrícola: um espaço de inovação educativa no meio rural. *Revista Linhas*, Santa Catarina, v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1335> Acesso em 20/06/2020.

POZZEBON, A. *A Inserção profissional dos Jovens Egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo-RS: uma contribuição para o desenvolvimento rural*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2015.

QUEIROZ, J. B. P. *O processo de implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás*. Goiânia, UFG, 1997. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, 1997.

QUEIROZ, J. B. P; SILVA, L. H. Formação em alternância e desenvolvimento rural no Brasil: as contribuições das Escolas Famílias Agrícolas. *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)*, Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAlg, 2008.

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAGO):
REPRODUÇÃO SOCIAL E CULTURA CAMPONESA**

RIBEIRO, V. S. *ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ORIZONA-GOIÁS: história e lembranças de uma experiência de Educação do Campo*. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, Goiânia, 2017.

SANTOS, D. S; COSTA, J. P. R. *Desenvolvimento Rural Sustentável e Educação do campo: as atuações dos jovens Egressos/as das EFAS em movimentos sociais da região do Médio Mearim – Maranhão*. Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 13 a 15 de setembro de 2017.

SANTOS, P. R; SOUSA, M. D. S; ANDRADE, F. L. *Os jovens Egressos da Casa Familiar Rural de Açailândia: fatores limitantes à atuação profissional*. II Congresso Nacional de Educação-CONEDU, 2015.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed.rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. L. B. A Educação do Campo no contexto da luta do movimento social: uma análise histórica das lutas, conquistas e resistências a partir do movimento nacional da educação do campo. *Revista Brasileira de História da Educação*. V. 20, 2020.

SOUZA, E. F. P. *Escola Família Agrícola, movimentos sociais e reprodução social camponesa: construindo caminhos de resistência*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2019. 165f

TRINDADE, A. C. P. *Representações sociais de Egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA: Formação e atuação no contexto social do Campo*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará, Belém, 2016

Autor correspondente:

Rodrigo Bastos Daude

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Rua 235 s/n, Sala 249, Setor Universitário – Goiânia/GO, Brasil. CEP: 74605-050

rodrigo.daude@ueg.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

